

## CIBERCULTURA, TECNOLOGIAS E EXCLUSÃO DIGITAL

### CYBERCULTURE, TECHNOLOGIES AND DIGITAL EXCLUSION

Eberson Luiz Fadanelli<sup>1</sup>

Ana Paula Teixeira Porto<sup>2</sup>

**RESUMO:** No contexto da cibercultura, as tecnologias estão cada vez mais presentes na vida cotidiana, impulsionando novas formas de acesso a informações, de relacionamento, de configurações sociais. Porém, é preciso refletir sobre como a cibercultura e seus artefatos tecnológicos impulsionam novas exclusões – a digital, partindo-se da premissa de que o acesso a elas não é igual para todos e quais efeitos que essas diferenciações de acesso e uso podem trazer. Dessa forma, a proposição deste ensaio, de natureza bibliográfica, é refletir sobre relações entre cibercultura, tecnologias digitais e suas interfaces com a exclusão digital.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cibercultura; tecnologias; exclusão digital.

Estamos rodeados de ações e atividades relacionadas com as tecnologias, especialmente as digitais, e a convivência com elas já pode ser considerada inevitável, uma vez que as pessoas estão conectadas a um novo espaço e a novas ferramentas de comunicação e interação que vêm transformando as relações pessoais e profissionais. A este respeito, Kenski (2012) faz uma relação interessante, destacando que as tecnologias tiveram e têm uma relação muito próxima ao poder. Exemplo disso é que os homens, na Idade da Pedra, mesmo sendo frágeis em comparação aos animais, conseguiram sua sobrevivência, utilizando com destreza e engenhosidade os elementos que a natureza lhes proporcionava, observa a autora.

Nessa linha Kenski (2012) afirma que o uso da inteligência humana vem garantindo a constância da evolução das tecnologias, criando novos equipamentos, ferramentas, e recursos, estes vêm para facilitar e dar comodidade na execução de atividades, e aqueles indivíduos que têm o domínio das tecnologias se diferenciam dos demais. Exemplo disso, segundo a autora, é o domínio de equipamentos de guerra que proporcionava o domínio sobre outros povos, e esta busca pelas inovações tecnológicas é constante, pois ela tem grande relação por ampliar poderes e acúmulo de riquezas.

Sob o mesmo ponto de vista, Kenski (2012) descreve que a tecnologia presente em nossas vidas vêm proporcionando conforto e não conseguimos vislumbrar viver sem ela em nosso cotidiano, acabamos esquecendo que as coisas não foram sempre da forma que são em nossos dias, nossos antepassados não tiveram as comodidades que temos. No entanto, é preciso refletir também sobre como a cibercultura e seus artefatos tecnológicos impulsionam novas

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação – URI/FW. E-mail: ebersonfadanelli@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Letras. Docente na URI/FW. E-mail: anapaula@uri.edu.br

Revista Literatura em Debate, v. 14, n. 26, p. 33-44, jul./dez. 2020. Recebido em: 02 fev. 2020. Aceito em: 02 abr. 2020.

exclusões – a digital, partindo-se da premissa de que o acesso a elas não é igual para todos e quais efeitos que essas diferenciações de acesso e uso podem trazer. Dessa forma, a proposição deste ensaio é refletir sobre relações entre cibercultura, tecnologias digitais e suas interfaces com a exclusão digital.

Ao discutirmos essas relações que transitam no contexto da cibercultura, Lévy (1999) faz a seguinte indagação - será que a tecnologia é como um ator autônomo, que não possui ligação com a cultura e a sociedade? A respeito disso, o autor é enfático em sua afirmação, dizendo que não se separa a ação e o pensamento do ser humano, bem como não há diferença entre locais presenciais ou artificiais, e suas ideias ou representações, ou seja, eles estão sim entrelaçados mutuamente. Do mesmo modo Lévy (1999, p. 22) salienta: “mesmo supondo que realmente existam três entidades – técnica, cultura e sociedade -, em vez de enfatizar o impacto das tecnologias, poderíamos igualmente pensar que as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura”. Sendo produtos, também se relacionam com esferas de poder porque podem ser exploradas para sua manutenção numa perspectiva de continuidade da estrutura social com divisões de classe e de diferenças de acesso a culturas, educação, formação cidadã, etc.

Ainda Lévy (1999) enfatiza que a técnica é carregada de implicações sociais, projetos e ações culturais bastante variados, e sua presença denota relações de força e poder dependendo da época da qual está inserida. Exemplo disso segundo Lévy (1999) são as máquinas a vapor do século XIX que escravizavam os operários enquanto os computadores nos anos 80 aumentavam a capacidade de agir do ser humano, desta forma existem técnicas positivas e outras negativas segundo o autor. A respeito disso mais à frente discutiremos a respeito da influência das tecnologias na vida das pessoas, bem como serão discutidos os modismos que norteiam o mundo digital.

Outros conceitos presentes na obra de Lévy (1999) referem-se ao crescimento do ciberespaço. Este é o local no qual se transitam informações por meio deste novo meio da comunicação que possibilitou a interconexão de computadores, e esta ação proporcionou a consequente surgimento da cibercultura. Podemos dizer que estamos envoltos a uma nova cultura, na qual anteriormente vivenciávamos a cultura de um povo ou região com hábitos e costumes, e agora as pessoas se apropriam da cultura dissipada na rede, que permite que pessoas criem novos hábitos e ações divididas ou não por grupos.

Martino (2015) faz suas considerações utilizando as obras e pensamentos de Lévy. Martino (2015, p. 28), relata que “o que separa a ‘cultura’ da ‘cibercultura’ é a estrutura técnico-operacional desta última: a cibercultura, a princípio, refere-se ao conjunto de práticas levadas a cabo por pessoas conectadas a uma rede de computadores”. Ainda Martino (2015) salienta que a

cibercultura ultrapassa as culturas humanas por estar conectada devido a sua diversidade e complexidade, sendo amplas as produções humanas encontradas na rede de computadores, considerada desorganizada sem totalidade. Dessa forma, o autor define ainda cibercultura pela multiplicidade e fragmentação.

Em virtude das transformações tecnológicas da qual permite a ampliação do acesso à rede de computadores, Martino (2015) esclarece que o ciberespaço se amplia constantemente, haverá um maior grupo de pessoas ou grupos de interesse comum gerando ou transformando novos saberes e produzindo conhecimento. E desta forma flui condições na cibercultura para que novos saberes sejam desenvolvidos, como aplicativos, *sites*, programas conectados a grande rede, no caso ciberespaço.

Segundo Martino (2015), a palavra ciberespaço foi utilizada pela primeira vez por William Gibson em 1984 e fazia referência a um espaço imaterial em que os seres humanos mantinham conexão com aparelhos eletrônicos. Sendo assim Martino (2015, p. 30) esclarece que “o ciberespaço é a interconexão digital entre computadores, ligados em rede. É um espaço que existe entre os computadores, quando há uma conexão entre eles que permite aos usuários trocarem dados”. Outra característica ressaltada por Martino (2015) é de que este meio tem grande facilidade de ampliação de informações, pois dados são acrescentados, porém também desaparecem em um fluxo constante de movimento. Assim cada pessoa que acessa a internet faz parte do ciberespaço, a partir do momento que troca uma informação ou compartilha algo com uma pessoa.

Um dado importante para comprovar o crescente aumento do uso da internet no Brasil, em pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), intitulado - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Divulgação anual (PNAD), Contínua TIC 2017, apresentado em dezembro de 2018, demonstra que houve um crescimento no percentual de domicílios que utilizavam a Internet subiu de 69,3% para 74,9%, de 2016 para 2017, tendo um total em número absoluto passou de 116,1 milhões para 126,3 milhões, no período, o que demonstra um avanço importante no acesso à internet, em um Brasil que ainda apresenta grandes contrastes sociais.

Com o crescente aumento da utilização da internet, segundo Lévy (1999), houve um verdadeiro dilúvio da sua utilização, em virtude dos avanços tecnológicos das telecomunicações, e principalmente pelo próprio surgimento da internet, que proporciona o tráfego de informações de maneira acelerada. Ainda o próprio Lévy (1999, p. 15) conceitua “a cibercultura expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer”.

Lemos (2010) pontua que os impactos da cibercultura estão atuando em todos os cantos do mundo, e só um pensamento amplo pode dar conta dos desafios da sociedade atual da comunicação e informação. O autor (2010, p. 22) diz que “o surgimento da cibercultura implica novos sentidos da tecnologia com a emergência do paradigma informacional”. Segundo Lemos (2004), a cibercultura é a junção tecnocultural do século XX, que vem associado a presença da microinformática e das redes telemáticas mundiais, e esta vem modificando os hábitos sociais, produzindo novos ritmos de produção e distribuição de informação, e estas estabelecem novas relações de trabalho e formas de lazer bem como praticas culturais diferentes das que eram utilizadas em outros tempos. Este novo tempo de inclusão digital vem oportunizando uma mudança nas transformações sociais, pois a comunicação e informação são dissipadas de maneira rápida fruto da informação que trafega de maneira instantânea em nossos dias.

Segundo Lévy (1999), a internet é um lugar onde se apresentam ideias, desejos e saberes, e por trás dos hipertextos eles expressam, não ficam escondidos, ou seja, estão visíveis e abertos a todos em tempo real e podem ser acessados a qualquer momento e de várias formas. Segundo Lévy (1999 p. 162) “assim, contrariamente ao que nos leva a crer a vulgata midiática sobre a pretensa ‘frieza’ do ciberespaço, as redes digitais interativas são fatores potentes de personalização ou de encarnação do conhecimento”.

Ainda Lévy (1999) afirma que o ciberespaço vem sendo o portador direto do saber e não mais na oralidade nem tão pouco a comunidade física (livros), ainda o autor defende seu ponto de vista de que o mundo virtual constrói seus objetos e conseguem conhecer a si próprios como coletivos inteligentes interligados no ciberespaço. Logicamente o autor é um pleno defensor e entusiasta da cibercultura e acredita que a construção do saber pode estar ligada fielmente as tecnologias.

Ainda falando sobre cultura, não podemos deixar de citar o movimento da cultura da convergência citado por Henry Jenkins, o qual é descrito por Martino (2015, p. 34): “a convergência cultural acontece na interação entre indivíduos que, ao compartilharem mensagens, ideias, valores e mensagens, acrescentam suas próprias contribuições a isso, transformando-os e lançando-os de volta nas redes”. Isto pode ser exemplificado em situações que as pessoas replicam as mensagens e acabam compartilhando ideias espalhadas em vários meios de comunicação, neste ponto vale ressaltar que às vezes pode ocorrer a divulgação de notícias falsas sendo repassadas sem saber se o conteúdo é real ou fictício.

Como já citado por outros escritores e referendado por Martino (2015), a cultura é dinâmica e plural, com características de várias culturas e estas vêm se reconfigurando e

modificando a cada instante, para o autor isto é “cultura da convergência”. E um dos principais pontos da teoria da cultura da convergência é que cada indivíduo é iminente um produtor de mensagens e isto é facilitado pelo fato das tecnologias digitais serem algo tão presentes na vida atual das pessoas, e estão sendo utilizadas diariamente no cotidiano o que facilita a criação e recriação de mensagens.

Após a definição de alguns conceitos-chaves das tecnologias, vamos adentrar no processo das tecnologias como forma de informação, utilizando inicialmente o que nos revela Gómez (2013). Segundo este autor, devido ao uso das tecnologias utilizadas em nossos dias, vivemos um mundo extremamente simbólico, onde vem ocorrendo a transformação substancial da vida cotidiana pela frequente presença da informação em nosso cotidiano. Hoje se tornam fundamentais a informação e o conhecimento, sendo estes elementos essenciais da cultura atual. Segundo Gómez (2013, p. 17) “a distinta posição dos indivíduos no que diz respeito à informação define o seu potencial produtivo, social e cultural, e até mesmo chega a determinar a exclusão social daqueles que não são capazes de entendê-la e processá-la”.

Ainda Gómez (2013) evidencia que a capacidade de utilizar as tecnologias da informação é fundamental em muitos trabalhos e serviços, pois estes em muitos casos estarão acessíveis apenas pelo acesso a este meio digital. Por isso o autor esclarece ser necessário formar os cidadãos para que consigam utilizar o meio digital em suas vidas. Somos sabedores que vivemos em um período que as informações são produzidas, distribuídas e consumidas de maneira instantânea e do mesmo modo também são abandonadas de maneira compulsória.

Alguns dados citados por Gómez (2013) merecem ser compartilhados como, por exemplo, que em poucos anos foram produzidas mais informações que a história anterior da humanidade, outro fato que o telefone fixo demorou 75 anos para adentrar na sociedade, bem como o rádio 38 anos e a televisão 15 anos, já a internet teve sua infiltração praticamente de maneira imediata. Ainda o mesmo autor diz que as formas de trabalhar que necessitam o uso da internet pagam até 50% a mais do os demais trabalhos e 80% das possibilidades de trabalho, requerem habilidades no tratamento das informações. Assim, Gómez (2013, p. 18) diz que “a tecnologia de informação se converteu em um meio de participação, provocando a emergência de um ambiente que se modifica e se reconfigura constantemente da própria participação que nela ocorre”.

No contexto da cibercultura e das tecnologias, há a referência a mídias digitais. Martino (2015) diz que um dos conceitos primordiais para se entender mídias digitais é a noção de informação, e muitas vezes ele acaba confundido com comunicação ou conhecimento, ele tem um sentido diferente: “em linhas gerais, uma informação pode ser entendida como qualquer dado

novo que aparece em um sistema” (MARTINO, 2015, p. 24). O autor explica que informação pode ser entendido como algo novo, em relação a algo que já exista, ou seja, algo que venha a somar com o que você já sabe e a partir da informação o indivíduo faz a tomada de decisão de como proceder em uma determinada situação.

Diz Martino (2015) que, após recebermos uma informação, tomamos uma decisão. Gómez (2013) salienta que há uma enxurrada de informações que recebemos em nossos dias nos meios de comunicação em massa e podemos falar aqui também nos meios digitais, muitas vezes vêm com fins comerciais ou até mesmo propagandas políticas a serviço da economia do mercado. Ainda Gómez (2013) instrui que a fartura de informações gera dois efeitos: a superinformação e a desinformação, estas informações fragmentadas não propiciam conhecimento estruturado e úteis a vida das pessoas e o autor em um dos trechos diz que o importante não é os meios de produção, mas sim o controle nos meios de comunicação. Sob o mesmo ponto de vista, Gómez (2013, p. 19) observa que:

O poder é exercido principalmente a partir da produção e da difusão de códigos culturais, atitudes, valores e conteúdos de informação difundidos pelos onipresentes meios de comunicação, na maioria das vezes, de forma latente, camuflados em estilos de vida bem sucedidos.

Ainda Gómez (2013) sublinha que as pessoas durante seu dia podem trafegar por as mais diferentes telas, e nestas faram uso para se comunicar ou simplesmente navegar na *web*, podendo estar nos locais mais inacessíveis possíveis ou expressando suas opiniões contestáveis com pessoas em qualquer lugar do mundo, procurando indivíduos com interesses semelhantes, buscando informações e interagindo de modo virtual.

Para confirmar a fala anterior, Moran (1998) afirma que na rede se procuram interesses comuns, e o autor usa a expressão “procura a sua turma”, partilhando a ideia que se almeja encontrar pessoas com gostos, valores e interesses parecidos. Segundo o autor, é neste espaço que encontramos desde coisas úteis, como conteúdo com relevância científica inovadora, já outros questionáveis como material homofóbico, racista e preconceituoso. Podemos entender desta forma que a busca pela informação deve ser filtrada pelos seus interesses e avaliar se ela é verídica ou não, e não ter estas informações como única fonte de verdade absoluta.

Assim também Moran (1998, p. 80-81) faz uma consideração a respeito da internet: “há informações demais e conhecimento de menos. Informar não é acumular, mas filtrar, selecionar, comparar, avaliar, sistematizar o que é relevante, o que nos ajuda mais”. É frequente na rede a perda de tempo com informações com pouca relevância, e assuntos superficiais que muitas vezes chamam a atenção do usuário mais pouco acrescenta em suas vidas. Ainda é valido ressaltar que

muitas pessoas passam infinitas horas conectadas a rede com diálogos fragmentados ou buscas sem significados a sua formação pessoal. Constantemente, segundo Moran (1998), as tecnologias estão servindo como uma forma de isolamento social, ao invés de ser uma forma de convivência com o outro, causando assim o isolamento físico.

Ainda Gómez (2013) faz uma consideração importante quanto ao universo da rede: afirma existir um mundo da comunicação global uma cultura do espetáculo, sendo que o escândalo e fofocas são vislumbrados com naturalidade e banalidade. Podemos nos referir que com a informação presente nas redes, as pessoas acabam expondo suas vidas diariamente, seus sentimentos ou até mesmo sua intimidade. E as pessoas que frequentam a rede não perdoam estes fatos e alguns procuram e se sentem atraídas com situações que expõem as pessoas a situações vexatórias ou fofocas sem fundamentos reais.

Por isso, segundo Gómez (2013, p.21), a “Internet, as plataformas digitais e as redes sociais merecem uma consideração especial como instâncias de comunicação e intercâmbio que favoreçam a interação e a participação dos interlocutores como receptores e transmissores de intercâmbios virtuais humanos.”

Assim a internet, de acordo com Gómez (2013), além de ser considerada uma base infinita de informação, algumas vezes podendo estar norteada de maneira desorganizada, pode ser considerada uma base de dados, com teorias e conceitos ou até mesmo uma biblioteca rica de informações a alcance de todos, um importante meio de comunicação o mesmo autor considera que a rede é um agente democrático de informação. O grande problema é como esta biblioteca está sendo utilizada, de maneira efetiva com criticidade, ou apenas um local com verdades absolutas sem haver a contestação das teorias ali expostas e neste meio existem conteúdos que misturam verdades, meias verdades e mentiras.

Um ponto a ser questionado, exposto por Gómez (2013, p. 22), é de que “a vida cotidiana de crianças, jovens e adultos se encontra profundamente alterada pela ininterrupta e poderosa penetração social das novas tecnologias de informação e da comunicação [...]”. Ainda Gómez (2013) diz que na internet tudo está relacionado a tudo, e várias informações estão disponíveis ao mesmo tempo, sendo na rede interconectadas; além disso, não existe um mediador que controle ou diga o que está certo ou errado neste meio, e no meio deste caos de informação e comunicação esta nova geração pode acabar se tornando apenas reprodutora de informação e não questionadora de opiniões.

Diante disso, estamos vivenciando um período que está alterando as formas de acesso a informações, e com isso destacamos: como a cibercultura e as tecnologias digitais interferem nas relações de poder? Antes da emergência de novas tecnologias da informação impulsionadas pelo

avanço das conexões em rede, estávamos inseridos numa sociedade que limitava o acesso a informações e conhecimentos, tendo-se um maior controle disciplinar sobre a circulação de fontes informativas e científicas. Exemplo disso são os livros, um dos instrumentos – acessíveis a parcela pequena da sociedade – mais importantes para disseminar informações e conhecimentos com um status de fonte de alta credibilidade.

Atualmente temos uma sociedade da informação constituída por vários instrumentos de comunicação: sites, blogs, redes sociais, etc. Tudo pronto para, a partir de um toque e de dispositivo com acesso à rede, disponibilizar informações que ultrapassam limites geográficos e temporais. Tudo pode ser atualizado e acessado em tempo real. Não há mais o tempo para “espera” porque a rapidez e a agilidade de produção e publicação proporcionam aos usuários acesso mais rápido ao que procuram sem precisar sequer sair de casa. Basta ter noções básicas de manuseio de ferramentas digitais e conexão com a internet a partir de variados dispositivos, de celulares a computadores.

Sob essa perspectiva vale ressaltar que, segundo Capellari, a informação passa a ser o motor das transformações, uma vez que

A combinação de satélites, televisão, telefone, cabo de fibra ótica e microcomputador enfeixou o mundo em um sistema unificado de conhecimento, que provoca a superação das estruturas administrativas hierarquizadas e verticalizadas em direção à horizontalização das relações de poder, que tem na figura da rede, propriamente, a expressão da nova realidade. (CAPELLARI, 2000, p.39)

No entanto, essas ferramentas não estão acessíveis a todos. No Brasil, por exemplo, acesso à internet é uma realidade para parte significativa dos lares brasileiros, conforme já destacado a partir de dados do IBGE (2018). Parcela pequena da sociedade dispõe de ótimo acesso à rede apesar de haver avanços quanto a custo de acesso à internet e a dispositivos eletrônicos. Isso porque

Mesmo com a queda dos preços dos produtos informacionais, com o avanço da internet móvel via aparelhos celulares, com a venda de computadores ultrapassando, pela primeira vez, a venda de televisores no Brasil, as desigualdades socioeconômicas são um gigantesco entrave para o exercício do direito humano básico à comunicação na era digital. (SILVEIRA, 2008, p. 55)

Como consequência, há a exclusão digital ou infoexclusão, que é entendida como a “a diferença socioeconômica entre indivíduos, famílias, empresas e regiões geográficas, decorrentes da desigualdade quanto ao acesso e uso das tecnologias da informação, representada pela Internet.” (LUCAS, 2002, p. 159). Ainda se destaca que o termo vem de uma expressão em inglês: “O termo inglês *digital divide* significa a brecha que separa as pessoas que conseguem lidar

Revista Literatura em Debate, v. 14, n. 26, p. 33-44, jul./dez. 2020. Recebido em: 02 fev. 2020. Aceito em: 02 abr. 2020.

com sucesso com as tecnologias de informação e comunicação e as digitalmente excluídas, que não têm a oportunidade ou que não detêm o conhecimento para tal.” (LUCAS, 2002, p. 161).

A exclusão digital não se trata da pessoa ficar sem a possibilidade do uso do computador ou do telefone celular, por exemplo, mas continuar incapaz de pensar e de criar, bem como de organizar novas formas e justas dinâmicas de produção e distribuição de riqueza simbólica e material, como explica Gilson Schwartz. (SCHWARTZ, 2000). Isso porque, para ter novas formas de produção e disseminação de riqueza simbólica e material, é preciso ter formação. Uma formação tecnológica e digital que exige investimento em educação continuada, aparelhamento de escolas e instituições educacionais que usufruam desses recursos em seus processos de ensino-aprendizagem, acesso de famílias a ferramentas tecnológicas e à rede.

Sob essa perspectiva, podemos pensar também nas relações de poder subjacentes. Com as redes e o desenvolvimento das ferramentas tecnológicas de informação e comunicação, temos que ter em mente a aplicação desses conhecimentos e dessa informação na geração de conhecimentos e dispositivos de processamento/comunicação da informação, considerando que isso não se dá da mesma forma. Quem tem mais acesso à rede, recursos para adquirir as ferramentas e preparo para seu manuseio pode usufruir muito mais das vantagens que a cibercultura traz.

Nesse contexto, exclui-se do direito à informação e ao conhecimento justamente a parcela da sociedade que mais depende deles. Os mais vulneráveis economicamente são os que continuam a estar fora do arsenal de conhecimentos novos, de discussões científicas e fundamentadas, de informações atualizadas, de possibilidades de interações com está no outro lado do mundo, de construção de novos saberes por meio de ferramentas digitais, por exemplo. Enfim, as condições sociais menos favorecidas fortalecem a exclusão digital, e com isso se alimenta o tradicional modelo social pautado nas divisões de classe e nas relações de poder verticalizadas. A exclusão digital torna-se, nesse ínterim, apenas mais um elemento de ampliação da exclusão social.

Dessa forma, não há como negar que a exclusão digital também está associada a outras exclusões: sociais, culturais, políticas. Podemos fazer essa correlação porque quem tem maiores possibilidades financeiras tem mais condições de acesso a ferramentas tecnológicas, e isso é um círculo vicioso que assinala o quanto a cibercultura liga-se a condições socioeconômicas. Não basta ter ferramentas tecnológicas se eles estão acessíveis a poucos. Num contexto assim, as relações de poder perpetuam uma nova face da exclusão, que é a digital, alargando-se as desigualdades. Assim,

Por exclusão digital entende-se o surgimento de mais uma barreira socioeconômica entre indivíduos, famílias, empresas e regiões geográficas, a qual decorre da desigualdade quanto ao acesso e uso das tecnologias da informação e comunicação, hoje simbolizadas na Internet. (LUCAS, 2002, p. 161).

Para Barreto Júnior e Rodrigues (2012, p. 188), esse contexto ocasiona “o surgimento de uma nova classe de marginalizados socialmente, denominados “digitalmente excluídos”, o que ratifica a tese de correlação entre condições sociais e inclusão e exclusão digital. Para os autores, essa exclusão digital também

assume uma face perversa pois, além de cercear o acesso à internet como ferramenta de lazer e interação social, restringe a possibilidade de participação política, cerceia o exercício pleno da democracia, dificulta o acesso aos meios de colocação e recolocação no mercado de trabalho e alija o efetivo exercício de direitos fundamentais necessários à manutenção da dignidade humana.

Soma-se a essa realidade o fato de quem mais chances de acesso, produção e disseminação de informações na rede tende a estabilizar-se em posições superiores na cadeia das relações de poder, porque tem maior controle sobre o que será produzido, publicado e para quem isso será transmitido. Há, a partir da inteligência artificial, mecanismos de controle dessa disseminação que muitas instituições e empresas se valem para propagar projetos, ideologias, crenças, produtos para, em uma disseminação gigantesca, trazer novos adeptos aos ideais, valores e hábitos comportamentais que são “vendidos” na rede. Sob essa perspectiva, cabe salientar que,

na co-evolução da Internet e da sociedade, a dimensão política de nossas vidas está sendo profundamente transformada. O poder é exercido antes de tudo em torno da produção e difusão de nós culturais e conteúdos de informação. O controle sobre redes de comunicação torna-se a alavanca pela qual interesses e valores são transformados em normas condutoras de comportamento humano. Esse movimento se processa, como em contextos históricos anteriores, de maneira contraditória. A Internet não é um instrumento de liberdade, nem tampouco a arma de dominação unilateral (CASTELLS, 2003, p. 135).

Nesse contexto de cibercultura e emergência de novas tecnologias de informação e comunicação, a dominação cultural, social e econômica também se apresenta com implicações que acentuam a exclusão não apenas digital, mas social e cultural também, especialmente porque há diferentes graus de acesso a tudo que a rede tem de positivo a oferecer a seus usuários. Fora dos espaços de discussão da rede ou sem condições de compreender as intencionalidades das publicações, inúmeros cidadãos continuam à margem que vê no contexto digital uma amplitude maior.

**ABSTRACT:** In the context of cyberculture, technologies are increasingly present in everyday life, driving new forms of access to information, relationships, and social configurations. However, it is necessary to reflect on how cyberculture and its technological artifacts drive new exclusions - the digital one, based on the premise that access to them is not the same for everyone and what effects these different access and use can bring. Thus, the purpose of this essay, of a bibliographic nature, is to reflect on relationships between cyberculture, digital technologies and their interfaces with the digital exclusion.

**Keywords:** Cyberculture; technologies; digital exclusion.

## REFERÊNCIAS

BARRETO JÚNIOR, Irineu Francisco; RODRIGUES, Cristina Barbosa. Exclusão e inclusão digitais e seus reflexos no exercício de direitos fundamentais. *REDESG - Revista Direitos Emergentes na Sociedade Global*, Santa Maria, v. 1, n. 1, p. 169-191, jan./jun/2012. Disponível em: <[https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:\\_VSX23e\\_V5UJ:https://periodicos.ufsm.br/REDESG/article/download/5958/pdf+&cd=5&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d](https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:_VSX23e_V5UJ:https://periodicos.ufsm.br/REDESG/article/download/5958/pdf+&cd=5&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d)>. Acesso em: 12 set. 2018.

CAPELLARI, E. Tecnologias de informação e possibilidades do século XXI: por uma nova relação do estado com a cidadania. In: ROVER, Aires José (org.). *Direito, Sociedade e Informática: limites e perspectivas da vida digital*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2000.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet:** reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua, 2018*. [online] Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

GÓMEZ, Angel. *Educação na era digital: a escola educativa*. Porto Alegre: Penso, 2003.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação*. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LEMOS, André. *Cibercultura*. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 2. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LUCAS, Clarianda Rodrigues. As tecnologias da informação e a exclusão digital. *Transinformação*, Campinas v.14, n.2, p. 159-165, July/Dec. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v14n2/05.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2018.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria e Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MORAN, José Manuel. *Mudanças na comunicação pessoal: gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológico*. São Paulo: Paulinas, 1998.

SCHWARTZ, G. Exclusão digital entra na agenda econômica mundial. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 jan. 2000. Caderno Dinheiro, p.82.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. A Noção de Exclusão Digital diante das Exigências de uma Cibercidadania. In: HETKOWSKI, Tânia Maria (org.). *Políticas Públicas & Inclusão Digital*. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 55.